

PORTO PRIMAVERA, SP, 20 DE JULHO DE 2001

*Senhor Governador e querido amigo Geraldo Alckmin; Senhores Ministros; Senhores aqui presentes, que já foram citados pelo Governador Geraldo Alckmin,*

Quero, inicialmente, dizer que é a segunda vez que participo de uma solenidade, aqui, nesta usina. A primeira vez, quando demos à usina o nome de Sérgio Motta, vim acompanhado pelo Governador Mário Covas. O Governador Geraldo Alckmin também esteve comigo, o Ministro Andrea Matarazzo também.

Estávamos, naquele dia, comemorando o fato de que havíamos arregaçado as mangas e recuperado a capacidade do Brasil de investir e de crescer. Faz quanto tempo isso, Governador? Dois anos? Pois bem. De lá para cá muita coisa aconteceu. Mas o fato é que nós temos sempre gravado, na nossa memória, aquela manhã. Fazia um calor muito forte. Não sei por que razão, havia muito vapor dentro da usina, e muita emoção, porque estávamos nos lembrando do Sérgio Motta. Ele foi um dínamo e permitiu que transformássemos o sistema de telefonia brasileiro com uma velocidade jamais vista, de uma maneira adequada, dan-

do um salto para o Brasil poder entrar no século XXI. Isso permitiu que houvesse a interconexão dos computadores, a utilização da Internet, o acesso mais amplo da população brasileira àquilo que, hoje, é o instrumento fundamental de participação no mundo contemporâneo. Foi justa a homenagem. Mal sabíamos nós que, algum tempo depois, voltaríamos aqui sem o Governador Mário Covas.

Mas ao voltar aqui, hoje, a primeira lembrança é do fato de que esses dois homens ajudaram a marcar um Brasil mais decente, um Brasil trabalhador, um Brasil digno e um Brasil que crê nele próprio. Esses dois batalhadores, que se empenharam para que essa obra pudesse ser levada adiante, são bem o exemplo do espírito bandeirante que mencionou o Governador Geraldo Alckmin.

Essas máquinas – algumas delas – ficaram paradas dezenas de anos. O descaso, a pouca atenção ao futuro do Brasil, a falta de planejamento, a corrupção impediram que o Brasil, a tempo oportuno, fizesse os seus grandes empreendimentos. Houve momentos em que os empreendimentos foram feitos. Esta região é um exemplo disso: está plantada com usinas. Mas houve momentos, também, em que, infelizmente, faltou esse mesmo espírito e o bandeirantismo, ao invés de ser prático, foi só retórico e resultou em prejuízo que nós estamos recuperando. Mas o fato é que nós recuperamos.

Graças à ação de muitos brasileiros, foi possível avançar mais nesta própria usina. E, hoje, me apraz, e é outra coincidência, estar aqui com dois ministros cuja história está ligada, também, a esta usina: o Ministro Andrea Matarazzo, que foi presidente da Cesp e deu um grande impulso a essa obra. A Cesp reencontrou o verdadeiro espírito bandeirante de trabalho e de honestidade e compreensão; E o Ministro Ramez Tebet – nem eu sabia – não só trabalhou para algumas das empresas pioneiras, às quais nós devemos muito do desenvolvimento do Brasil, e que trabalharam nessas usinas desta região do Brasil, como, quando foi Governador do Mato Grosso do Sul, permitiu que as águas alagassem uma boa porção do seu estado. E se essa usina, hoje, está cravada, em grande parte, no lado de São Paulo, a barragem e as águas inundaram boa parte de Mato Grosso do Sul. É verdade que São Paulo correspondeu nas negociações com Mato

Grosso do Sul, mas foi preciso ter uma visão que fosse além das mesquinhas para que pudéssemos ter feito esse acordo. E nós devemos isso, também, ao então Governador Ramez Tebet, hoje nosso Ministro.

Há, portanto, muitas razões para estarmos contentes, hoje, aqui. Vim porque queria mostrar ao Brasil os avanços que se fazem. Na semana passada, visitei algumas fábricas em São Paulo com o Governador Geraldo Alckmin, com o Ministro Andrea Matarazzo, com o Ministro José Jorge e outros mais. Hoje, essas turbinas, esses rotores, as bases nas quais se assentam as turbinas também são fabricados aqui no Brasil. Talvez a maioria dos brasileiros desconheça que, neste momento, a maior usina hidrelétrica que se faz no mundo é na China. Chama-se Usina de Três Gargantas. Mas as máquinas que vão gerar energia elétrica com as águas dos rios da China são feitas em São Paulo, no Brasil. Isso é orgulho para nós, brasileiros. Tudo que está aqui é feito aqui no Brasil. Há, portanto, por trás disso, uma engenharia. Há, portanto, um desenvolvimento tecnológico. Há, portanto, empresários, que se lançam audaciosamente à construção do futuro. Há trabalhadores que são competentes, que têm capacitação. Há, portanto, essa crença que, na verdade, em nós é inextinguível de que o Brasil está entrando no século XXI com vontade de continuar vencendo.

E essa usina, essa geradora que nós inauguramos hoje, aqui – e eu não sabia do acréscimo desses 10% que o Governador me contou esta manhã –, só esta máquina pode gerar o equivalente à luz necessária para uma cidade como São José do Rio Preto. Insisto em São José do Rio Preto por causa do Ministro Aloysio Nunes Ferreira, que é outro Ministro paulista. Ele não está aqui neste momento porque está lá em São José do Rio Preto. Diz ele que é a serviço da República. Talvez seja a serviço de São José do Rio Preto, e assim é, também, a serviço da República, de verdade.

Mas a verdade é que essa usina vai ser a segunda maior de São Paulo quando estiver terminada. Ela vai gerar 1.800 megawatts. É uma contribuição muitíssimo expressiva. Isso significa, para que tenhamos uma idéia, energia suficiente para cinco cidades do tamanho de Campinas,

para que se tenha noção do que significam esses marcos do crescimento do Brasil.

Vamos acrescentar – o Governador mencionou há pouco – a parte de São Paulo nesse grande esforço de ampliação da nossa capacidade energética. No Brasil, entre 2001 e 2003, vão ser 7.800 megawatts a mais nas usinas hidrelétricas, apenas. Nas termelétricas – não quero me arriscar em números, mas é alguma coisa bastante considerável –, estamos estendendo 6 mil km de linhas de transmissão.

Vamos acrescentar à nossa matriz, através das termelétricas, o gás, que não era utilizado porque não estava disponível. Foi preciso uma luta tremenda para que nós tivéssemos o gás da Bolívia aqui. E me orgulho de dizer que foi no meu governo que se conseguiu isso. Quando fui Chanceler, briguei com todo mundo para trazer o gás para o Brasil. Muitos descreiam da possibilidade de que o gás pudesse ser útil. Estamos, também, desenvolvendo técnicas para a utilização da biomassa, e mesmo a energia eólica passou a ser considerada uma fonte alternativa e positiva de energia.

Falta dizer que tudo isso é financiado, em grande parte, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES. Repito sempre que seu orçamento equivale ao orçamento do Banco Mundial. O BNDES sozinho financiou uma carteira de projetos semelhante, por ano, ao que o Banco Mundial tem para todos os países em desenvolvimento do planeta.

Pois bem, para que se tenha uma noção de que o Brasil hoje é um Brasil realmente consciente dos seus problemas, e para que não haja uma interpretação apressada e pessimista de que não houve visão de futuro, quero lhes dizer que, quando assumi o Governo, havia 23 usinas paradas, como esta. Dessas, hoje, 16 já estão gerando energia. Quatro ou mais gerarão energia brevemente. Ainda na semana que vem, vou a Machadinho para vermos lá, entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, mais uma usina que vai gerar cerca de 1.000 ou 1.100 megawatts.

Enfim, nós estamos, efetivamente ampliando, a capacidade energética do Brasil. Energia não se faz de repente. Não é por causa da crise atual que essas obras estão sendo feitas. Já estavam sendo feitas antes.

Apenas foram, agora, aceleradas, diante da situação de falta de água. Falta gasolina para o motor, mais do que motor para gasolina. Há motor sobrando, mas sobrando para quem não tem visão de um Brasil que cresce. Por isso, vamos continuar investindo, e fortemente, na hidreletricidade. Dentro de pouco tempo, vamos anunciar Belo Monte, que é uma usina equivalente a Itaipu e que vai ser feita com capitais brasileiros, tecnologia brasileira, apoio do Governo brasileiro, para o bem de nosso país.

Há, portanto, investimento. E muito investimento. Equivocam-se os que pensam que o Brasil deixou de olhar para o seu setor energético. Outros dizem que, na verdade, o que aconteceu é que nós privatizamos o setor energético. Na verdade, a geração foi muito pouco privatizada. Oitenta por cento da geração de energia não é privatizada, é estatal. Portanto, o argumento cai por si, é pueril. Outros dizem que não houve linhas de transmissão. Mas quem foi que fez a interconexão do sistema senão nós neste governo? Fizemos e vamos fazer mais interconexão entre os sistemas. Tampouco seria justo dizer que é porque não se privatizou que aconteceu qualquer coisa. Também não é esta a causa. Vamos continuar a privatizar por razões simples: porque o Governo não tem recursos para expansão.

Toda a nossa base de infra-estrutura foi feita com capital estatal. Estatal é apelido, é capital do povo, via imposto. E qual de nós tem a audácia hoje de propor aumentar imposto? Eu não. Está muito forte a carga tributária e não dá mais para pedir imposto ao povo. Se não há dinheiro que se possa recolher do povo, é preciso recolher dinheiro de quem tem. E é preciso que o Estado incentive quem tem a investir e controle, através das agências reguladoras, o bom uso desse investimento e suscite que esse investimento seja crescente e seja o mais adequado para o interesse público.

O fato é que, na verdade, estamos assistindo a uma grande transformação deste país. O setor energético – a prova está aqui, visível – é um setor que vai continuar no seu avanço. Então, por que o problema? Por que a crise? É preciso reconhecer as coisas como elas são. E aqui eu falo diante das pessoas que entendem. Não sou eu. Sou um mero sociólogo.

Não entendo de chuva, não entendo de lago, não entendo de máquina. Posso entender um pouquinho do sofrimento humano. É esta parte que me concerne e me toca neste momento desta crise.

Provavelmente – digo provavelmente para não antecipar juízos que não correspondem, antes que os exames realmente sérios sejam feitos – há uma conjugação entre estiagem extremada e uso abusivo dos reservatórios nos últimos anos. Essa é a verdadeira questão a ser discutida e a ser posta ao lado, obviamente, da expansão necessária, da continuidade do sistema de energia no Brasil. E, aí, entram o povo e seu sofrimento.

Nessa circunstância, a única coisa que podia ser feita com certa racionalidade seria apelar ao povo e dizer: ou espontaneamente cada um de nós poupa energia, ou não há força humana capaz de resolver a questão. Porque o empreendimento adicional leva tempo e não adianta tê-lo se não há água. E a transferência de gás leva tempo e não há gás suficiente, nem no Brasil, nem na Bolívia, juntos, dada a limitação dos dutos. Não há gás suficiente para substituir a hidreletricidade. Ou se faz um consumo mais racional da energia ou não adianta pensar nos ventos, porque a energia eólica é limitada, no acrescentamento de força energética à matriz brasileira.

Não adianta pensar noutra coisa senão no uso racional da água, portanto de poupança de energia. Se pensarmos na biomassa, porque ela vai ser utilizada – São Paulo é o estado que mais pode produzir –, supõe-se que dentro de dois anos possamos ter, quem sabe, 3 mil megawatts em termos de biomassa. São insuficientes diante do fato de que o Brasil tem, hoje, uma capacidade instalada de energia de 75 mil megawatts, e diante do fato gritante de que o consumo, no seu momento máximo, não ultrapassou 50 mil megawatts. Portanto, temos mais energia instalada do que o consumo máximo. Logo, a questão realmente – não há como evitá-la – é da água. E a água só se resolve repondo os reservatórios, e só se faz isso se a população entender e for solidária.

Esta é a alegria de todos nós brasileiros: temos um grande povo que, em vez de ficar simplesmente culpando A ou B – e geralmente A e B sou eu – decidiu que era melhor do que qualquer coisa fazer com que o Brasil continuasse a crescer. Está poupando energia mais do que nós

pedimos. Só tenho uma palavra a dizer: muito obrigado. Não há outra. Agradeço, profundamente, a essa consciência popular que entendeu que era preciso poupar energia.

Essa é a nossa riqueza. A nossa riqueza está materializada nessas máquinas. Ela está por detrás das máquinas, nos cérebros e nos braços dos nossos engenheiros, técnicos e trabalhadores. Mas o que dá sustentação efetiva a essa riqueza é o povo brasileiro, que tem noção da sua responsabilidade, tem coesão social. Por isso, aceitamos qualquer desafio, porque temos um grande povo que é capaz de, nos momentos necessários, entendendo do que se trata, participar e ajudar.

Vi isso quando combatemos a inflação. A URV era muito difícil de se entender. Quantos técnicos me disseram ser impossível explicar à população em geral que nós íamos provocar uma hiperinflação controlada com um ponto de referência fixo. É quase tão difícil quanto a diagonal, não sei de que tipo, que havia no câmbio. Extremamente difícil para ser explicado. O povo entendeu na hora, graças à mídia, que em uma semana explicou.

Quando houve, outra vez, a questão relativa à desvalorização do Real, outra vez: os preços vão estourar. Não estouraram, porque o povo começou a escolher e a selecionar o produto mais barato e a repudiar os aumentos excessivos. Agora, outra vez, e outra vez graças à mídia, à televisão, ao rádio, aos jornais, que explicaram à população o que fazer, os riscos de não fazer e as vantagens, isso vem sendo feito.

Hoje, dá gosto ver, quase como se fosse um cartão de loteria, as pessoas comparando as suas contas de luz para saber se conseguiram ou não alcançar a meta. Os mais pobres conseguindo alcançar a meta. Aqueles aos quais não pedimos nada, porque quem utiliza menos de 100 watts estava isento de qualquer redução de consumo. Pois bem, estão reduzindo o consumo aqueles que gastam menos de 100 watts. Hoje, já nos dá uma tranqüilidade dizer: a cada semana que passa, mais nos afastamos – e eu espero que para sempre – do “apagão”, que não é solução para nada. É apenas susto para uma população que não merece isso. Em vez desse susto, o que foi feito no Brasil foi um apelo para que o povo entendesse. E o povo entendeu. Houve mais: os governadores.

Sempre há uma ou outra exceção. No caso do Brasil, só uma exceção. Isso é muito bom, de 27, só um não entendeu. É ótimo. Mas os governadores entenderam e estão juntos com o Governo Federal fazendo esse esforço.

Há poucas semanas, recebi uma comissão da Frente Nacional de Prefeitos, que foi a Brasília para dizer que eles também querem participar, querem entender melhor, querem saber o que podem fazer. De todos os partidos. Nesta hora, não há partido, não há governo, não há oposição, há o povo, há o Brasil e há consciência de responsabilidade. Isso está fazendo com que nós possamos vencer – como vamos vencer – esta crise de energia. Vamos vencê-la sem bazófia, sem antecipar nada, porque não se sabe ainda se vai ser possível ou não, com muita seriedade, mas também com a convicção, com a confiança serena de que explicando o povo entende. O povo entendendo, o povo ajuda, e o povo ajudando, ninguém vai segurar o crescimento do Brasil para o benefício de todos os seus filhos.

É isso que eu quero agradecer aqui, diante dessas máquinas, de todos vocês. E dizer mais uma vez: muito obrigado, povo brasileiro!